

ARNALDUR INDRIDASON

# A VOZ

Tradução de Vasco Gato

*Eis, por fim, chegado o momento. O pano subiu, revelando o auditório; sentiu-se glorioso ao ver todas aquelas pessoas que o olhavam e num instante a sua timidez esfumou-se. Viu alguns dos seus colegas e professores, e o director que parecia acenar-lhe com a cabeça, em jeito de aprovação. Porém, a maior parte eram desconhecidos. Todas aquelas pessoas tinham vindo para o ouvir e à sua bela voz, que despertara atenções, para lá da Islândia até.*

*Os murmúrios no auditório dissiparam-se gradualmente e os olhos centraram-se todos nele em silenciosa expectativa.*

*Viu o pai sentado no meio da fila da frente com os seus óculos de massa pretos, de pernas cruzadas, e segurando o chapéu sobre os joelhos. Viu-o a fitá-lo através das grossas lentes, com um sorriso encorajador; era o grande momento nas suas vidas. Doravante, nada voltaria a ser o mesmo.*

*O director do coro ergueu os braços. O silêncio abateu-se sobre o auditório.*

*E ele começou a cantar com aquela voz límpida, doce, que o seu pai descrevera como sendo divina.*

# 1

Elínborg estava à espera deles no hotel.

No átrio havia uma grande árvore de Natal, toda ela enfeites, ramos de pinheiro e bugigangas reluzentes. Num sistema de som invisível ouvia-se *Noite Feliz*. À porta do hotel estava parada uma carrinha de transporte e um grupo aproximou-se da recepção. Turistas que tentavam passar o Natal e o Ano Novo na Islândia por lhes parecer um país cheio de aventura e emoção. Embora tivessem acabado de aterrizar, muitos pareciam já ter comprado camisolas islandesas típicas, dando assim entrada na terra exótica do Inverno. Erlendur sacudiu a neve da gabardina. Sigurdur Óli sondou o átrio e descortinou Elínborg junto dos elevadores. Deu um toque a Erlendur e avançaram ambos nessa direcção. Ela já tinha examinado o local. Os primeiros agentes da polícia a chegar tinham garantido que permanecera intacto.

O director do hotel pedira-lhes que não criassem alvoroço. Utilizou essa expressão ao ligar. Tratava-se de um hotel e, vivendo os hotéis da sua reputação, pediu que levassem isso em linha de conta. Portanto, não havia sirenes lá fora, nem polícias fardados a irromper pelas portas. O director disse que deveriam a todo o custo evitar espalhar o medo entre os hóspedes.

A Islândia não deveria ser demasiado emocionante, demasiado aventureira.

O homem estava agora ao lado de Elínborg e cumprimentou Erlendur e Sigurdur Óli com um aperto de mão. Era tão gordo que

mal cabia no fato. O casaco fechava-se-lhe sobre a barriga por meio de um botão prestes a ceder. O cós das calças escondia-se por baixo de uma enorme pança que lhe enfunava o casaco e o homem suava com uma fúria tal que nunca chegava a guardar o grande lenço branco com o qual enxugava a testa e a nuca em intervalos regulares. O colarinho branco da camisa estava encharcado de suor. Erlendur apertou-lhe a mão peganhenta.

– Obrigado – disse o director do hotel, ofegando como um cachalote. Nos vinte anos que levava a gerir aquele hotel, nunca se deparara com nada de semelhante.

– Logo no pico do Natal – resmungou. – Não percebo como foi isto acontecer! Como é possível? – repetiu, para que não restassem dúvidas quanto à sua perplexidade.

– Está ou já foi? – perguntou Erlendur.

– Está ou já foi? – arquejou o gordo director. – Está-me a perguntar se ele já foi para o céu?

– Sim – disse Erlendur. – É exactamente isso que precisamos de saber...

– Apanhamos o elevador para cima? – perguntou Sigurdur Óli.

– Não – disse o director, lançando um olhar irritado a Erlendur. – Ele está aqui em baixo na cave. Tem lá um pequeno quarto. Não quisemos correr com ele. E eis o que recebemos pelos nossos incómodos.

– E porque haveriam de correr com ele? – perguntou Erlendur.

O director do hotel olhou-o, sem responder.

Desceram lentamente as escadas junto do elevador. O director ia à frente. Descer as escadas representava para ele um esforço e Erlendur perguntou-se como voltaria para cima.

A contragosto de Erlendur, tinham combinado empregar uma certa dose de consideração, tentar abordar o hotel da forma mais discreta possível. Três carros da polícia estavam estacionados nas traseiras, na companhia de uma ambulância. Agentes da polícia e paramédicos tinham entrado pela porta dos fundos. O delegado de saúde distrital vinha a caminho. Teria de ser ele a declarar o óbito e a chamar uma carrinha para transportar o cadáver.

Avançaram por um longo corredor com o ofegante director à cabeça. Iam sendo cumprimentados por polícias à paisana. O corredor

escurecia à medida que caminhavam, pois as lâmpadas no tecto tinham-se fundido e ninguém se dera ao trabalho de as trocar. Por fim, no meio da escuridão, alcançaram a porta que, ao abrir, deu para um pequeno quarto. Era mais um espaço de arrumos do que uma habitação, mas tinha lá dentro uma cama estreita, uma pequena secretária e um tapete puído sobre um chão de mosaicos sujos. Junto ao tecto havia uma pequena janela.

O homem estava sentado na cama, encostado à parede. Vestia um fato de Pai Natal, vermelho e brilhante, e conservava o gorro na cabeça, embora aquele lhe tivesse resvalado para cima dos olhos. Uma grande e artificial barba de Pai Natal escondia-lhe o rosto. Tinha o cinto grosso desapertado e o casaco desabotoado. Por baixo, vestia apenas uma camisola interior de alças branca. Apresentava um ferimento mortal no coração. Embora houvesse outras lesões pelo corpo, a facada que lhe trespassara o coração fora o golpe final. As mãos estavam cheias de cortes, como se tivesse tentado resistir ao agressor. As calças davam-lhe pelos tornozelos. Do pénis, pendia um preservativo.

– Rudolph, a rena do nariz vermelho – entouou Sigurdur Óli, ao olhar para o corpo.

Elínborg mandou-o calar.

O quarto tinha um pequeno roupeiro cuja porta estava aberta. Guardava calças e camisolas dobradas, camisas passadas, roupa interior e meias. Pendurada num cabide estava uma farda, em azul-marinho com dragonas douradas e botões de latão reluzentes. Ao lado do armário repousava um par de sapatos de cabedal preto, bem engraxados.

Jornais e revistas espalhavam-se pelo chão. Junto à cama havia uma mesinha e um candeeiro. Em cima da mesa estava um único livro: *A History of the Vienna Boys' Choir*.

– Este homem vivia aqui? – perguntou Erlendur enquanto perscrutava o local. Ele e Elínborg tinham entrado no quarto. Sigurdur Óli e o director mantinham-se lá fora. Era demasiado pequeno para caberem todos.

– Deixámo-lo ficar aqui – disse o director, atrapalhado, enxugando o suor da testa. – Já trabalhava para nós há séculos. Antes do meu tempo. Como porteiro.

– A porta estava aberta quando o encontraram? – perguntou Sigurdur Óli, procurando mostrar-se formal, como que para compen-sar a cançoneta.

– Eu pedi-lhe que esperasse por vocês – disse o director. – À rapa-riga que o encontrou. Está na sala dos funcionários. Apanhou um grande susto, a coitadinha, como poderão imaginar.

O director evitava olhar para dentro do quarto.

Erlendur aproximou-se do corpo e espreitou o golpe infligido no coração. Não fazia ideia do tipo de lâmina que matara o homem. Levantou os olhos. Acima da cama estava um velho cartaz gasto de um filme da Shirley Temple, *A Pequena Princesa*, com fita-cola nos cantos. O cartaz era a única decoração do quarto.

– Quem é? – perguntou Sigurdur Óli da ombreira ao olhar para o cartaz.

– Está lá escrito – indicou Erlendur. – Shirley Temple.

– Mas quem é? Já morreu?

– Quem é a Shirley Temple? – perguntou Elínborg, pasmada com a ignorância de Sigurdur Óli. – Não sabes quem foi? Tu não estudaste nos Estados Unidos?

– Era uma estrela de Hollywood? – perguntou Sigurdur Óli, ainda com os olhos postos no cartaz.

– Foi uma estrela infantil – disse bruscamente Erlendur. – Por-tanto, de certa forma já morreu.

– Hã? – disse Sigurdur Óli, sem conseguir apanhar a tirada.

– Uma estrela infantil – disse Elínborg. – Acho que ainda é viva. Não me lembro. Acho que tem qualquer coisa a ver com as Nações Unidas.

Erlendur apercebeu-se de que não havia no quarto nenhum outro adereço pessoal. Olhou em volta sem conseguir ver prateleiras, CD ou um computador, um rádio ou uma televisão. Só uma secretá-ria, uma cadeira, um roupeiro, uma cama com uma almofada encar-dida e uma capa de edredão suja. Aquele quartinho fazia-lhe lembrar uma cela de prisão.

Saiu para o corredor e espreitou a escuridão dos fundos, tendo distinguido um vago odor a queimado, como se alguém tivesse estado a brincar com fósforos ou talvez a iluminar o caminho.

– O que há ali? – perguntou ao director.

– Nada – retorquiu ele, olhando para o tecto. – Só o fim do corredor. Fundiram-se umas quantas lâmpadas. Vou mandar arranjar isso.

– Há quanto tempo vivia aqui este homem? – perguntou Erlendur ao entrar novamente no quarto.

– Não sei, desde antes do meu tempo.

– Então já cá estava quando o senhor se tornou director?

– Sim.

– Está a dizer-me que ele viveu neste buraco durante vinte anos?

– Sim.

Elínborg olhou para o preservativo.

– Ao menos praticava sexo seguro – observou.

– Não suficientemente seguro – disse Sigurdur Óli.

Nessa altura chegou o delegado de saúde, acompanhado por um funcionário do hotel que depois desapareceu pelo corredor. O delegado de saúde era também muito gordo, embora longe de poder fazer frente ao director do hotel. Quando se comprimiu para entrar no quarto, Elínborg saiu disparada para apanhar ar.

– Que tal, Erlendur? – disse o delegado de saúde.

– O que te parece? – perguntou Erlendur.

– Ataque de coração, mas tenho de ver melhor – retorquiu o delegado de saúde, conhecido pelo seu terrível sentido de humor.

Erlendur olhou para Sigurdur Óli e Elínborg, que arvoraram um sorriso rasgado.

– Sabes quando aconteceu? – perguntou Erlendur.

– Não deve ter sido há muito tempo. Algures nas últimas duas horas. Ainda mal começou a arrefecer. Já localizaram a rena dele?

Erlendur resmungou.

O delegado de saúde afastou a mão do corpo.

– Vou assinar a certidão – afirmou. – Enviem-no para a morgue, que eles abrem-no lá. Diz-se que o orgasmo é uma espécie de morte momentânea – acrescentou, olhando para o corpo. – Este aqui teve um duplo.

– Um duplo?

Erlendur não o compreendeu.

– Orgasmo – disse o responsável médico. – Vão tirar fotografias, certo?

– Sim – disse Erlendur.

– Hã-de ficar bem no álbum de família.

– Ele não parece ter grande família – disse Erlendur, perscrutando novamente o quarto. – Estás despachado então, para já? – perguntou, desejoso de pôr termo às piadolas.

O delegado de saúde assentiu, esgueirou-se para fora do quarto e perdeu-se pelo corredor.

– Não vamos ter de fechar o hotel? – perguntou Elínborg, reparando que o director engolira em seco perante a pergunta. – Cortar todas as entradas e saídas. Interrogar quem está cá hospedado e todos os funcionários. Fechar os aeroportos. Impedir os navios de levantar ferro...

– Por amor de Deus – lamentou-se o director, apertando o lenço com um olhar suplicante na direcção de Erlendur. – É um simples porteiro!

Maria e José jamais conseguiriam aqui um quarto, pensou Erlendur para si mesmo.

– Este... este... nojo não tem a mínima relação com os meus hóspedes – disse o director com indignação. – São turistas, quase todos eles, e gente da região, homens de negócios e outros que tais. Ninguém tem nada a ver com o porteiro. Nenhum deles. Este hotel é um dos maiores de Reiquiavique. Está a abarrotar na quadra natalícia. Não podem simplesmente mandar fechar! Não podem!

– Podíamos, mas não vamos mandar – disse Erlendur, procurando acalmar o director. – Creio que teremos de interrogar alguns hóspedes e a maior parte dos funcionários.

– Graças a Deus – suspirou o director, recobrando a compostura.

– Como se chamava o homem?

– Gudlaugur – respondeu o director. – Julgo que teria uns cinquenta anos. E tem razão quanto à família, não me parece que tenha alguém.

– Quem veio cá visitá-lo?

– Não fazemos a menor ideia – arquejou o director.

– Aconteceu alguma coisa de invulgar no hotel na qual este homem estivesse envolvido?

– Não.

– Roubos?  
– Não. Não aconteceu nada.  
– Reclamações?  
– Não.  
– Ele não se meteu em nenhuma embrulhada que pudesse explicar isto?  
– Que eu saiba, não.  
– Ele tinha algum conflito com alguém do hotel?  
– Não tenho conhecimento de nada.  
– De fora do hotel?  
– Que eu saiba, não, mas não o conheço muito bem. Não conhecia – corrigiu-se o director.  
– Nem ao fim de vinte anos?  
– Não, nem por isso. Não creio que ele fosse muito sociável. Resguardava-se o mais que podia.  
– Parece-lhe que um hotel é o sítio certo para um homem assim?  
– Se me parece? Não sei... Sempre foi muito educado e nunca tivemos nenhuma reclamação dele.  
– Nunca?  
– Não, nunca tivemos reclamações dele. Até nem era mau trabalhador.  
– Onde fica a sala dos funcionários? – perguntou Erlendur.  
– Eu mostro-lhe.  
O director enxugou a testa, aliviado por não pretenderem fechar-lhe o hotel.  
– Ele recebia visitas? – perguntou Erlendur.  
– O quê? – disse o director.  
– Visitas – repetiu Erlendur. – Aparentemente, terá estado aqui alguém que o conhecia, não acha?  
O director olhou para o corpo e os seus olhos demoraram-se no preservativo.  
– Não sei nada das namoradas que tinha – disse ele. – Nada de nada.  
– Não sabe grande coisa a respeito deste homem – comentou Erlendur.  
– É porteiro – disse o director, calculando que Erlendur deveria aceitar essa sua frase por explicação.

Abandonaram o quarto. A equipa forense apareceu com o equipamento, seguida de outros agentes. Experimentavam dificuldades ao apertar-se para passar pelo director. Erlendur pediu-lhes que examinassem cuidadosamente o corredor e o recanto mais ao fundo. Sigurdur Óli e Elínborg mantinham-se no interior do quarto a observar o corpo.

– Eu não gostaria de ser encontrado neste estado – comentou Sigurdur Óli.

– Já não será grande preocupação para ele – disse Elínborg.

– Pois, não deve ser – concordou Sigurdur Óli.

– Aquilo tem alguma coisa lá dentro? – perguntou Elínborg ao puxar de um pequeno pacote de amendoins salgados. Estava sempre a comer qualquer coisa. Sigurdur Óli achava que era devido aos nervos.

– Aquilo? – disse Sigurdur Óli.

Ela acenou com a cabeça na direcção do corpo. Depois de a fitar por um instante, Sigurdur Óli apercebeu-se daquilo a que ela se referia. Hesitou, depois ajoelhou-se junto do corpo e fitou o preservativo.

– Não – disse. – Está vazio.

– Portanto ela matou-o antes do orgasmo – disse Elínborg. – O médico achou...

– Ela? – disse Sigurdur Óli.

– Sim, mas não é óbvio? – disse Elínborg, despejando uma mão-cheia de amendoins na boca e oferecendo uns quantos a Sigurdur Óli, que recusou. – Isto não está com um certo ar de galderice? Ele trouxe uma mulher para aqui – disse ela. – Ou não?

– É a teoria mais simples – disse Sigurdur Óli, levantando-se.

– Não achas o mesmo? – perguntou Elínborg.

– Não sei. Não faço a mínima ideia.